

1962

Phone Mail Stop Origin No.

| | | | |
|-----------------------|--------|-------|--------|
| Pyle Emory L----- | 0-4061 | 43-87 | 2-4950 |
| Pyle Joe W----- | 5-6714 | 07-22 | 2-6524 |
| Pym L A----- | 6-2723 | 84-89 | AF |
| Pym Sally A----- | 5-1545 | 58-68 | 2-5324 |
| Pynchon Thomas R----- | 6-3491 | 09-31 | 2-5265 |
| Pyron Charles M----- | 6-8944 | 21-39 | 2-6153 |



Thomas R. Pynchon.

"Pynchon himself is the ultimate pseudonym, the author who isn't, the writer whose deliberate and complete lack of publicity parallels postmodern ideas of what an author is (or isn't)."

Jonathan Hudson

Em 1911 quando Yeats se candidatou a uma vaga de professor de Literatura Inglesa em Trinity College, na Universidade de Dublin, recebeu uma carta de resposta escrita por um professor de História, justificando o facto de ele não ter sido escolhido com a seguinte afirmação: "Literature is not a subject for tuition".

Podemo-nos questionar sobre o que teria sucedido se a candidatura de Yeats tivesse sido aceite assim como a de James Joyce para o posto de leitor de Italiano em University College, ou se Ezra Pound não tivesse sido despedido de Wabash College e se T. S. Eliot tivesse voltado à Universidade de Harvard para a defesa oral nas suas provas de doutoramento, tendo posteriormente vindo a exercer as funções de professor de Metafísica. As respectivas universidades teriam, obviamente, ficado a ganhar mas o resto do mundo perderia e deixaria de "cough in ink", segundo a expressão de Yeats. Todos eles, de uma forma ou outra, devido ao elitismo das instituições, vieram a ser banidos ou considerados quase como subversivos no mundo académico. Verifica-se assim como é amplo o espaço que existe entre a universidade e o meio, de algum modo, um tanto boémio da criação literária. Nesta perspectiva, a literatura é vista como uma "reserva" cultural, separada do mundo real que pouco dela necessita.

Entre os autores que se situam na categoria de subversivos ou de não integrados no mundo universitário, destaca-se Thomas Ruggles Pynchon, Jr. que é considerado por alguns críticos – como Peter Lang na sua obra *Thomas Pynchon* (1990) e Judith Chambers, a autora de *Thomas Pynchon* (1992) – como o maior e o mais enigmático escritor contemporâneo americano da segunda metade do século XX. A sua biografia levanta dúvidas, que são provavelmente cultivadas pelo próprio e se põem mesmo em relação à data exacta do nascimento e ao aspecto físico por não ser conhecida qualquer fotografia sua, tendo sido apenas muito recentemente levantada a hipótese de ter sido publicada uma no livro de curso da universidade que dataria, portanto, de 1953.

As incertezas quanto à biografia levaram já a que Pynchon fosse designado como "the most famous invisible writer since J. D. Salinger [and] the most difficult since James Joyce" e como "the most famous non-person in America". A propósito desta característica de Pynchon, ocorrem-nos as palavras de Michel Foucault que, no conhecido ensaio em que fala da "morte do autor", afirma que a relação entre a escrita e a morte se manifesta no apagamento das características individuais de quem escreve. Refere ainda que o autor da escrita, ao utilizar todos os artifícios que põe entre si e aquilo que escreve, cancela todos os sinais da sua individualidade particular.

Relativamente a este tão discutido tópico da "morte do autor", o caso de Pynchon parece digno de menção pois, no que se lhe refere, os leitores não dispõem de um "autor" na verdadeira acepção da palavra ao qual possam atribuir fraquezas humanas. O 'apagamento' das características individuais de Pynchon completa-se através da sua ausência da esfera pública. É como se ele já estivesse morto e apenas pudesse comunicar com o mundo por meio das suas obras. É ainda de referir que mesmo esta comunicação não é inteiramente de confiar pois nos seus romances abundam mensagens sem sentido e per-

cepções confusas. Com efeito, Pynchon destaca-se entre os outros escritores por brincar e fazer trocadilhos embora estando a tratar de temas sérios e importantes. Até a sua ausência do domínio público se pode considerar que faz também parte desta atitude. Pynchon apresenta-se assim como uma voz sem corpo.

Este facto dá um aspecto algo desumanizado às suas criações literárias em que são debatidos problemas de identidade e de significado do mundo que são explorados pelas personagens, como Oedipa Maas, a heroína de *Crying of Lot 49*. Aliás, o autor revela, de certo modo, a sua própria identidade através dos caracteres das personagens dos romances, tais como Pierce Inverarity, que está morto quando a história começa mas cuja morte desencadeia o enredo apesar de ele estar ausente, afinal do mesmo modo que o seu criador que se dirige ao mundo por detrás de uma cortina de invisibilidade. Pynchon permanece uma presença activa em toda a sua obra, assim como Pierce, embora morto, actua como um moderador fantasma na orientação da busca por significado realizada pela heroína, Oedipa, que, entretanto, depara com pistas de um sistema de comunicações que tem características de conspiração.

Apesar dos esforços de Pynchon para manter o seu anonimato, crê-se que aquele que pode ser considerado o mais famoso recluso literário e também "America's most famous hidden author" (tal como é designado na "Pomona Pynchon Page" na World Wide Web) nasceu em Glen Cove, Long Island, N. Y., em 1937. Tendo estudado engenharia na Universidade de Cornell, veio, contudo, a licenciar-se em Estudos Ingleses em 1959. Enquanto estudante, nos anos 50, teria levado uma vida boémia continuando a fazê-lo, mais tarde, em Greenwich Village. Posteriormente, ter-se-à alistado na Marinha, vindo depois a trabalhar como redactor de textos técnicos, "tech writer", para a revista da fábrica de aviões Boeing Company, em Seattle. Recentemente, e depois de terem sido ventiladas as mais variadas hipóteses acerca do local da sua residência,

pensa-se que ele tem estado ‘escondido’ à vista de todos vivendo uma vida normal em Manhattan com a mulher e um filho.

Em 1963, publicou o seu primeiro romance intitulado *V.* a propósito do qual lhe foi atribuído o prémio "William Faulkner". Desde então, desapareceu dos olhares do público e tudo o que se sabe da sua vida baseia-se em rumores vários. Ao isolar-se, Pynchon criou uma aura de mistério que o passou a envolver provocando nos leitores o desejo obsessivo de a desvendar. Com esse objectivo, os seus fãs e críticos chegaram ao ponto de criar uma rede subterrânea – afinal semelhante ao sistema de correio secreto "Tristero" descrito por Pynchon – que diligentemente procura decifrar o mistério de alguém que teima em se manter invisível ou pelo menos escondido. Este facto parece reforçar no escritor a vontade de se recusar a revelar os seus segredos. E a sua recusa, por seu lado, leva o público a inventar uma identidade e até um corpo que correspondam à voz do autor. Os leitores têm uma ideia do criador, do indivíduo que é a fonte da obra, da pessoa que merece o crédito por produzir o produto escrito e corresponde ao nome na capa. Normalmente, o autor está associado a um rosto e a alguma informação biográfica obtida facilmente em jornais e mesmo nas capas e badanas dos volumes. Estes elementos humanizam o autor e permitem aos leitores reconhecê-lo na televisão ou em revistas, estabelecendo-se assim uma relação entre eles. Deste modo, além da conexão criada através das obras, a própria presença física do escritor reforça a ligação com os destinatários dos seus textos. Pynchon, ao teimar em estar ausente, quebra esta ligação e limita-se a dar aos leitores acesso à sua obra e deixando-os entregues a si próprios para a compreenderem conforme puderem ou quiserem.

Dez anos após a publicação de *V.*, Pynchon teve o seu maior sucesso com o romance *Gravity's Rainbow*, em que trata do tema do significado da mortalidade e da aterradora falta de sentido da guerra. A obra transformou-se num fenómeno de culto graças ao qual foi proposto para o National Book Award



Carta de condução de Pynchon.

em 1974. O júri, porém, considerando a obra "obscene, unreadable and overwritten" não lho atribuiu. Talvez por este motivo, o autor, em 1975, declinou a medalha "William Dean Howells" da Academy of Arts and Letters. Seguiu-se-lhe *Vineland*, em 1990, que decorre na Califórnia e, após uma longa espera, *Slow Learner*; uma colecção de contos. Porém, *The Crying of Lot 49*, a sua obra mais acessível e apreciada, tinha sido publicada em 1966 e graças a ela obteve o Rosenthal Award no ano seguinte. Tal como na restante produção literária do autor, as estruturas novelísticas deste romance são deliberadamente não lineares e caleidoscópicas ou mesmo caóticas, desafiando uma leitura clara, visto que se interceptam, sobrepõem e fundem em contínuo.

Segundo alguns estudiosos, pode situar-se toda a obra pynchoniana numa dimensão pós-modernista em que se esquece o autor em benefício do leitor, funcionando este como um observador sem o qual os textos não fazem sentido. Não admira pois que, relativamente à produção literária de Pynchon, as opiniões dos críticos que seguem esta abordagem os levem a aclamá-lo como um escritor que se integra nas teorias pós-modernistas por pensarem que não é necessário compreender a fonte ou origem dos textos literários para compreender a própria literatura. A crítica Tony Tanner chega mesmo a afirmar que o 'desaparecimento' de Pynchon foi um dos elementos que teve relevância para o seu trabalho já que a sua ausência afecta tanto a nossa leitura como a sua presença o faria se ele fosse uma figura conhecida do grande público.

A este propósito, é de mencionar que as indefinições, os paradoxos e as ironias, que são os elementos mais significativos do chamado pós-modernismo, se encontram recorrentemente na obra deste autor. Do mesmo modo, o facto de o pós-modernismo procurar acabar com as fronteiras fixas entre a ficção e a história assim como entre a literatura e as artes visuais e contribuir para que pareça haver um desafio entre a realidade e a

ficção, numa palavra entre a literatura e vida, leva igualmente a que se possa situar o autor de *Gravity's Rainbow* entre os escritores pós-modernos.

Estes, tal como Thomas Pynchon, contribuíram para os desenvolvimentos culturais que foram estimulados pelas mudanças e pelos movimentos sociais dos anos 60 e 70 e que têm continuado durante os últimos vinte anos. Viveram e sentiram também as mais significativas preocupações sociais que começaram a desenvolver-se depois da II Guerra Mundial e culminaram nos anos 60 quando a televisão, as fotocópias, as novas técnicas de impressão, os circuitos electrónicos, os computadores, os satélites e os meios de comunicação social se expandiram e consolidaram. Foi nessa época igualmente que a velocidade da comunicação, a quantidade da informação e o poder dos *mass media* aumentaram o alcance da probabilidade e deitaram abaixo as fronteiras entre os factos e a ficção. A posição de Pynchon sobre esta matéria está bem patente na seguinte citação da obra *Mason & Dixon* (1997):

Who claims Truth, Truth abandons. History is hir'd, or coerced, only in Interests that must ever prove base. She is too innocent, to be left within the reach of anyone in Power, – who need only touch her, and all her Credit is in the instant vanish'd, as if it had never been. She needs rather to be tended lovingly and honorably by fabulists and counterfeiters, Ballad-Mongers and Cranks of ev'ry Radius, Masters of Disguise to provide her the costume, Toilette, and Bearing, and Speech nimble enough to keep her beyond the desires, or even the curiosity, of Government... (p. 350)

Mason & Dixon, que se pode considerar uma narrativa histórica, decorre no período revolucionário quando a Royal Society enviou os *surveyors* Charles Mason e Jeremy Dixon à América para traçarem uma linha divisória entre a Pennsylvania dos Quakers e Maryland, onde havia escravatura, vindo esta linha a dividir o país simbolicamente em Norte e Sul:

Nesta obra, em que ao longo de cerca de oitocentas páginas e num estilo que imita a prosa do século XVIII, nos é relatada a saga histórica das vidas do astrónomo Charles Mason e do agrimensor Jeremiah Dixon, o autor fala-nos de Índios e da fronteira, de guerra naval e de conspirações eróticas e políticas, além de continuar a referir-se a paranóia e a elementos fantásticos como sucede em todas as suas obras. O génio de Pynchon revela-se na forma como aproveita o relato para focar as características mais marcantes e profundas do carácter americano, tais como a violência, a inquietação e as contradições inerentes, entre outros aspectos, à manutenção da escravatura e ao amor da liberdade.

Por outro lado, é frequente pensar-se que o ciberespaço, seja qual for a forma como se define, é um produto dos anos 90. Contudo, as construções mentais daquilo que geralmente designamos como espaço cibernético têm raízes muito profundas, que datam de há cerca de trezentos anos. Vários intelectuais durante esse tempo, mas sobretudo na última trintena, têm contribuído para o modo de pensar e o estilo da nova cultura informática, mesmo antes de os computadores passarem a ser do domínio público. Entre eles, destaca-se de novo Thomas Pynchon, cujas obras – talvez devido ao interesse permanente do autor por conspirações – influenciaram a *intelligentsia* da era digital, que se lhe refere frequentemente, como menciona, por exemplo, John Stark em *Pynchon's Fictions: Thomas Pynchon and the Literature of Information* (1980).

Pynchon parece, com efeito, ter previsto o desenvolvimento extraordinário da Internet neste final de século. O pouco que sabemos da sua vida sugere que tenha tido experiências que poderiam ser partilhadas pelos construtores das redes informáticas e do mundo actual dos computadores. Talvez este seja um dos motivos por que o interesse por este autor não tem diminuído, como pode verificar-se pelo famoso "Pynchon List Server Archive", existente na Internet com grande sucesso desde

1992 e que se mantém activo ainda hoje. Está igualmente patente no jornal *on-line* intitulado *Pynchon Notes*. Na World Wide Web foram já publicadas *concordances* para as obras *Gravity's Rainbow* e *V.*. Estão também acessíveis *on-line* os chamados *raw texts*, isto é, críticas, resenhas e pequenas notícias escritas por Pynchon em diversos jornais e revistas. A sua presença na Internet e as discussões e projectos que motivou tiveram como resultado a publicação, em 1997, de uma obra da autoria de Jules Siegel – que afirma ter sido o companheiro de quarto de Pynchon no *campus* da Universidade de Cornell, nos anos 50 – intitulada *Lineland: Mortality and Mercy on the Internet's Pynchon-L@Waste. Org Discussion List*. A popularidade a que me refiro é, de algum modo, confirmada também pelo facto de a firma Holt, editora da sua mais recente obra *Mason & Dixon* ter planeado produzir uma 1.^a edição de 200.000 exemplares.

Além de debater as questões acima mencionadas relativas à busca de identidade e de sentido, de desaparecimento e do vazio do mundo, os temas mais recorrentemente tratados por Pynchon nas suas obras reflectem o espírito americano da nossa época. Esses temas incluem:

- uma sátira à sociedade contemporânea;
- uma denúncia do *American Dream*;
- referências ao caos do universo, recorrendo ao seu saber científico como engenheiro, na área da termodinâmica e da teoria da informação;
- a existência de uma conspiração universal, tema que tem fascinado tantos escritores do pós-guerra, interessados na detecção e decifração de códigos e mistérios. Este tema tão actual atingiu como que uma espécie de apoteose, parecendo que, por todo o lado, surgem provas de um *master plan* para aniquilar o mundo e a vida;
- a busca interminável por "provas" num universo ficcional de desintegração e falsidade;

- a paranóia, transformando todos os que procuram o sentido das coisas, *the seekers* em vítimas dos seus próprios medos. A este propósito, Oedipa Maas fala de: "a true paranoid for whom all is organized in spheres of joyful or threatening about the central pulse of himself". Oliver Stone, por seu lado, afirma que a paranóia substituiu o *baseball* como passatempo nacional na América, como se verifica se pensarmos no *Red Scare*, no assassinato do Presidente Kennedy ou na famosa *Area 51*;
- a obsessão pela morte;
- o desalento de viver num mundo sem sentido, onde cada colher de plástico, cada rótulo de lata de sopa instantânea, assim como os anúncios na televisão ou um selo de correio, podem corresponder a um elemento de uma mensagem.

Relativamente aos temas tratados é de referir que muito da obra de Pynchon sugere que o mundo moderno é uma herança e que, em *Crying of Lot 49*, o autor afirma:

Oedipa's increased paranoia about the Trystero has given her world a unifying force and an invisible buttress that holds up everyday events in an organized, understandable pattern. This pattern is the legacy of Pierce Inverarity, [and] the legacy [is] America.

Pynchon, além de considerar que a herança é a América, pensa também que "There is a love of complexity here in America". Esta segunda ideia juntamente com as afirmações de Boaventura Sousa Santos, sobre a nossa época, ao afirmar:

We inhabit skeptical times; historical moments spawned in a temper of distrust, disillusionment and despair. (*Toward a New Common Sense-Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*, 1995)

podem considerar-se como uma das justificações para a popularidade daquele que foi classificado como: "one of the most

challenging and most rewarding of contemporary American writers". É evidente que também contribuem para tal, tanto o facto de ter um estilo literário inimitável e uma erudição que nos é revelada pela escala enciclopédica das suas referências como pela outra faceta da sua personalidade que mergulha as suas raízes nos movimentos da contracultura. Outros aspectos, como ser esquerdista ou populista, ter espírito de humor e saber escrever sobre cultura de massas e desportos, tornam-no decerto popular para um leque mais vasto de leitores nos nossos dias.

Estes factos contribuem para que este escritor de cinquenta e nove anos seja um dos poucos membros das vanguardas intelectuais dos anos 60 que ainda geram interesse no público, visto que Kurt Vonnegut e William Burroughs já praticamente se retiraram e John Barth e Joseph Heller não se podem considerar *best-sellers*.

Concluo este ensaio, talvez de uma forma algo pynchoniana, citando Richard Pearce, o editor de *Critical Essays on Thomas Pynchon* (1981), que na sua introdução ao excerto de *The Crying of Lot 49* incluído em *Heath Anthology of Literatura* pergunta:

... have we become victims of the kind of paranoia that dominates Pynchon's novels? Have we, indeed, become characters in a Pynchon novel?